

O Homem e o Ambiente

The Man and the Environment

L'Homme et l'Environnement



João Schwalbach
Médico e fotógrafo



Mia Couto
Escritor

Publicamos nesta edição um conjunto de fotografias da autoria de João Schwalbach, cuja sensibilidade profissional se entrelaça com o olhar ético e simultaneamente estético e artístico. As imagens revelam não só o médico, mas também, e acima de tudo, o cidadão atento e preocupado com as questões da Saúde Pública e da ética médica e social. Refletindo e comentando esse olhar singular do fotógrafo-médico, surgem as palavras inspiradas e inspiradoras de Mia Couto, num encontro feliz e harmonioso entre o escritor, o fotógrafo e o profundo humanismo que atravessa arte e vida e os une na reflexão sobre a miséria como doença social, reflexão que ambos escolheram partilhar com os leitores dos ANAIS do IHMT. Transcrevemos em seguida o texto de Mia Couto escrito ao contemplar as imagens capturadas por João Schwalbach em Moçambique.



Por alguma razão, muitas das línguas indígenas de Moçambique não têm palavras para designar “ambiente” ou “natureza”. Não é que lhes falte vocabulário. É porque nessas cosmogonias, a fronteira entre o humano e a natureza é concebida de modo diverso. Em muitas dessas línguas não existe palavra para dizer “lixo”. Mas há palavra para dizer “sujidade”.

Esta ausência de fronteiras (ou esta mobilidade de limites entre conceitos) está presente neste conjunto de fotografias do João Schwalbach que ele designou de “O Homem e o Ambiente”. Nessas imagens tudo se mistura, tudo se interpenetra, os territórios humanos e aqueles que se poderia chamar de “ambiente”. Os lugares onde se caminha e vive, as bancas dos legumes e das frutas, os terreiros onde brincam as crianças e os amontoados de lixo e de sujidade, tudo isso se confunde como se houvesse um nó cego prendendo os



deserdados a um único destino: a periferia não da cidade, mas de toda a humanidade.

Essa ausência de fronteira não tem nada de natural. Não tem nada de humano. É o retrato de como a miséria fabrica a miséria e vai apagando a fronteira entre o vivível e o não vivível. Esta paisagem inumana vai-se tornando natureza. Vai ficando naturalizada como o imutável retrato das cidades desurbanizadas. Como médico (e sobretudo cidadão moçambicano) João Schwalbach reitera nestas fotos que se trata não de gente pobre, mas de gente empobrecida. Como se a visibilidade da foto já nos ajudasse a mudar o mundo. Como se a câmara fotográfica nos ensinasse a olhar a desumanização que está à nossa frente e que aprendemos a deixar de ver.

E apesar de tudo, por entre o lixo as crianças brincam, os jovens inventam jogos, as mulheres estendem a roupa. Quanta história, quanta humanidade é construída no quotidiano anónima destes que mal se distinguem no meio dos desperdícios que, mais do que o ambiente, ofendem a urgência de uma cidadania mais justa. A miséria é uma doença social. Mas tem cura. E essa cura começa no olhar. No modo como não se pode esconder este cenário que alguns querem varrer para debaixo do tapete.